

Algumas Teses sobre Missão, Ecumenismo e a Relação com Outras Religiões

**Saskia Ossewaarde
e Gerhard Tiel**

I. As Teses

1. Tanto missão como ecumenismo têm a sua base em palavras de Jesus Cristo.
 - 1.1. Missão tem o seu fundamento em Mateus 28.18-20.
 - 1.2. Ecumenismo tem o seu fundamento em João 17.20-23.
2. Para possibilitar uma relação verdadeira com outras religiões é indispensável trocar a “visão egocêntrica” e a “visão antropocêntrica” por uma visão que parta de uma “compreensão do sagrado” (uma “revolução copernicana”). Em vez de destacar exclusivamente as diferenças essenciais entre “nós” e os “outros”, é necessário ter a ambição de compreender e interpretar em termos de religião o que é inexplicável via antropologia, sociologia e psicologia.
3. Igreja só é Igreja Verdadeira enquanto Igreja missionária.
 - 3.1. Missão tem um aspecto universal.
 - 3.2. Missão assume como prioridade a luta pela justiça, paz e integridade da criação.
 - 3.3. Missão não é proselitista, nem visa, como objetivo principal, aumentar o número de membros da própria confissão.
 - 3.4. Missão busca a “convivência” com outras tradições religiosas.
 - 3.5. Missão, hoje, realiza-se na consciência da história da “missão” e “evangelização” na América Latina.
 - 3.5.1. Missão luta pela preservação da cultura de outros povos.
 - 3.5.2. Missão respeita que o evangelho de Jesus Cristo se manifeste, de modo diferente, em povos e culturas diferentes (inculturação).
4. Igreja só é Igreja Verdadeira enquanto Igreja ecumênica.
 - 4.1. A palavra grega para ecumenismo (“toda a terra habitada”) indica o sentido universal do ecumenismo.

- 4.2. Ecumenismo assume como prioridade a luta pela justiça, paz e integridade da criação.
- 4.3. Ecumenismo não busca unidade pela força, mas pela convicção.
- 4.4. A unidade que o ecumenismo procura realizar está aberta para outras religiões.
- 4.5. O espírito ecumênico busca a unidade na diversidade.
 - 4.5.1. Ecumenismo respeita a fé e a cultura de outras igrejas, confissões e religiões.
 - 4.5.2. Na *oikoumene* há lugar para diversas formas de adorar e louvar a Deus em vista do Reino prometido.
5. Somente expondo a Sua Verdade à luz da Verdade das outras religiões é que Igreja pode ser Igreja Verdadeira.
 - 5.1. Na relação com outras religiões procura-se conhecer o valor intrínseco do fenômeno religioso.
 - 5.2. Na relação com outras religiões assume-se como prioridade a luta pela justiça, paz e integridade do meio ambiente.
 - 5.3. No diálogo verdadeiro todos arriscam a própria identidade religiosa.
 - 5.4. A fé do fiel independe da reivindicação de Verdade de outros.
 - 5.4.1. Não existe outra realidade religiosa senão a fé dos fiéis.
 - 5.4.2. Cristãos partem do pressuposto de que a salvação depende exclusivamente de Deus.
6. Uma Igreja missionária e ecumênica é livre para relacionar-se com outras religiões e é livre para descobrir que ela está, como tantas outras, a caminho da Verdade.

II. Comentários

Introdução

Com a apresentação destas seis teses concisas queremos dar a nossa contribuição à discussão atual dentro e fora da IECLB sobre missão.

Antes de pretendermos definir missão, ecumenismo ou religião, a nossa intenção é abordar aspectos e implicações a partir da tese básica de que missão e ecumenismo andam de mãos dadas num mundo caracterizado por um pluralismo religioso.

Nesta realidade, o diálogo não está encerrado; na verdade, mal começou. Assim entendemos também as teses: fruto da reflexão feita até agora, numa caminhada compartilhada em vários momentos com outras pessoas (Concílio Distrital em Rio Pardinho, com professores da Escola Superior

de Teologia, seminário com Lassalistas em Canoas, na Consulta sobre Missão em Rodeio 12).

Missão, ecumenismo e a relação com outras religiões são empreendimentos arriscados. Esperamos que a formulação das teses reflita isso, de modo que as mesmas se tornem desafios e incentivos para todos que levam o diálogo a sério.

Tese 1: Tanto missão como ecumenismo têm a sua base em palavras de Jesus Cristo.

1.1. Missão tem o seu fundamento em Mateus 28.18-20.

1.2. Ecumenismo tem o seu fundamento em João 17.20-23.

Fundamentam-se tanto missão como ecumenismo em palavras de Jesus. Os textos são conhecidos. Claro, podem-se citar muitos outros. Missão e ecumenismo são temas fundamentais da Bíblia.

Mas, enquanto a importância da missão é reconhecida amplamente nas comunidades, o mesmo não vale para a questão do ecumenismo. Ecumenismo não está muito em voga hoje em dia. Teme-se o avanço de outras igrejas. Fala-se muito em “seitas” e “proselitismo”. O outro não é visto como irmão, mas como concorrente. Busca-se a identidade confessional sem os outros.

Trata-se, nos textos bíblicos citados, do testamento de Jesus. Mateus e João destacam uma tarefa dos seguidores de Cristo fundamentada no último desejo de Jesus: proclamar o evangelho até os confins do mundo e promover a unidade. Falando de missão, fala-se de ecumenismo; e vice-versa. Para João, aliás, a unidade é condição para o êxito da missão: “Que todos sejam um, para que o mundo creia...” Missão e ecumenismo, portanto, são irmãos gêmeos. Têm que ser considerados e refletidos em conjunto.

Tradicionalmente, missão dirige-se aos pagãos, e ecumenismo, aos cristãos. Missão quis evangelizar o mundo não-cristão e ecumenismo quis realizar a unidade da Igreja. Esta visão é bastante estreita.

Missão não pode ser entendida como se uma parte (a Igreja) fosse ativa, enquanto a outra (o mundo), somente passiva. Não é assim que alguns são donos da verdade, enquanto os outros não sabem nada. “Evangelizar” é um processo amplo, onde todos estão envolvidos.

E a unidade que o ecumenismo quer realizar de forma alguma se restringe aos cristãos (“que todos sejam um...”). Não se trata de uma unidade meramente religiosa. A desunião entre os seres humanos, com a qual nos confrontamos cada dia, ultrapassa os limites confessionais: divisões sócio-políticas, raciais, culturais e muito mais. A unidade que Jesus quer tem a ver com tudo isso.

O mundo onde vivemos é um mundo multirreligioso. Missão e ecumenismo como tarefas fundamentais da Igreja têm que lidar com isso. Está implícita, portanto, a necessidade de se relacionar com outras religiões.

Tese 2: Para possibilitar uma relação verdadeira com outras religiões é indispensável trocar a “visão egocêntrica” e a “visão antropocêntrica” por uma visão que parta de uma “compreensão do sagrado” (uma “revolução copernicana”). Em vez de destacar exclusivamente as diferenças essenciais entre “nós” e os “outros”, é necessário ter a ambição de compreender e interpretar em termos de religião o que é inexplicável via antropologia, sociologia e psicologia.

O estudo de culturas e religiões é um processo contínuo de aprofundamento da compreensão. Cada cultura, cada religião é única, específica. Porém este estudo, que nunca chegará a uma conclusão final, definitiva, rejeita toda pesquisa que pressuponha diferenças essenciais entre nós e outros, pois tal pressuposição é conflitante com a realidade.

Na tentativa de aproximação com outras culturas e religiões, muitos apóiam-se nas disciplinas sociais, humanas: a antropologia, a sociologia e a psicologia. Estas são, de fato, imprescindíveis, pois facilitam a compreensão do contexto, do indivíduo e do coletivo. Ao mesmo tempo, são disciplinas auxiliares quando se trata do estudo de fenômenos religiosos, porque, conforme observam os próprios sociólogos, não conseguem nem pretendem “encaixar” o milagre, o mistério.

Qualquer um que já esteve num terreiro de umbanda poderia concluir, a partir das suas observações, que não há nada surpreendente no fato de o médium cair em transe ou ser possuído, desde que ele seja influenciado pelos batuques, pelo constante girar e pela bebida alcoólica. Este tipo de conclusão é formulado de acordo com a lógica do observador, a partir da sua postura “egocêntrica”. Cada cultura, cada religião tem, porém, uma lógica própria, e, para podermos “mergulhar” numa outra cultura, é preciso trocarmos esta nossa visão por uma “visão antropocêntrica”, na qual o outro seja o centro. Quando está em jogo a compreensão da religião, devemos ir mais adiante ainda, para tentar compreender e interpretar o mundo do sagrado conforme é experimentado e articulado pelo fiel. Estamos diante da tarefa de tentar compreender a linguagem religiosa de pessoas cujas experiências de fé não partilhamos nem conhecemos, linguagem esta que é ao mesmo tempo descritiva, simbólica, política, ética-moral e, antes de mais nada, inverificável.

Uma teoria interpretativa da religião não pode ter critérios de julgamento, mas visa descobrir a lógica, o significado e a interação entre as seguintes dimensões presentes em cada religião, de uma maneira específica (conforme Donald Crosby, *Interpretive Theories of Religion*):

- a) unicidade (ser singular, diferente de todas as outras experiências);
- b) primazia (o princípio radical ou o poder do qual todo o resto depende e ganha sentido);
- c) universalidade (permitir uma visão unificada do mundo);
- d) justiça (para garantir o modo de lidar com o poder do mal e para salvar o destino humano);

e) permanência (procurar resolver o problema da morte e da fragilidade da existência humana);

f) mistério (o estar oculto; o que não pode ser expresso em palavras e o que ultrapassa o entendimento conceptual).

Se a mudança de visão — da egocêntrica para a antropocêntrica — significa uma verdadeira “conversão” (conforme Carlos Brandão), diríamos, reportando-nos a outros antropólogos, que uma visão que tenta partir daquilo que é sagrado para o outro significa uma “revolução copernicana”.

Tese 3: Igreja só é Igreja Verdadeira enquanto Igreja missionária.

3.1. Missão tem um aspecto universal.

3.2. Missão assume como prioridade a luta pela justiça, paz e integridade da criação.

3.3. Missão não é proselitista, nem visa, como objetivo principal, aumentar o número de membros da própria confissão.

3.4. Missão busca a “convivência” com outras tradições religiosas.

3.5. Missão, hoje, realiza-se na consciência da história da “missão” e “evangelização” na América Latina.

3.5.1. Missão luta pela preservação da cultura de outros povos.

3.5.2. Missão respeita que o evangelho de Jesus Cristo se manifeste, de modo diferente, em povos e culturas diferentes (inculturação).

Para caracterizar a Igreja de Jesus Cristo, usamos um termo que teve importância histórica: a Igreja Verdadeira. Assim como na Alemanha do período nacionalsocialista se definiu a “Igreja Confessante” como Igreja Verdadeira para distingui-la da “Igreja dos Cristãos Alemães” que apoiava o fascismo, também hoje na América Latina é necessário destacar os sinais da Igreja Verdadeira. Sabemos estar usando um termo forte. Mas achamos que não é possível evitá-lo. Em nosso entender, sem missão, ecumenismo e uma relação com outras religiões, Igreja não é Igreja. A tese 3 destaca em primeiro lugar a tarefa missionária:

1. Falando hoje de missão ou evangelização na América Latina, costuma-se pensar apenas no contexto continental, aliás, mais especificamente no contexto brasileiro. Apesar de esta ser uma postura compreensível, achamos necessário, em princípio, evitar qualquer provincianismo eclesial: missão tem um aspecto universal: “todo o mundo, todas as nações...” Eis aí a dimensão ecumênica da Igreja. A Igreja de Jesus Cristo ou a Igreja Verdadeira não deve ser confundida com uma Igreja local. Em outras palavras: missão não quer dizer espalhar a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) para todo o mundo. Portanto: “universal”, sim, mas “universalista”, não! Enquanto o termo “universal” procura evitar certo provincianismo eclesial, “universalista” quer dominar, absorver e, conseqüentemente, excluir outras realidades religiosas.

2. Prioridade da missão é a luta por justiça, paz e integridade da criação. Assumimos o Processo Conciliar (“JPIC”) como tarefa básica também da missão. Isso pode parecer estranho. Que tem uma proposta ecumênica a ver com a missão? Referimo-nos aos relatos de muitos/as missionários/as nos campos de missão, que muitas vezes destacam a necessidade de, antes de mais nada, lutar pela sobrevivência pura e simples das pessoas. A pregação, o anúncio do evangelho propriamente dito, só pode ser consequência de uma prática adequada. Achamos que o Processo Conciliar, o pacto em prol de justiça, paz e integridade da criação, resume muito bem a prioridade do engajamento político e social de uma Igreja missionária.

3. Entramos numa questão polêmica: uma Igreja missionária não é proselitista, não tem por objetivo principal aumentar o número de adeptos da própria confissão. Entendemos por “proselitismo” a conversão forçada através de promessas ou ameaças. Não concordamos com o entendimento de que qualquer troca de Igreja ou confissão seja consequência de uma atividade proselitista. A troca faz parte da liberdade religiosa de cada um. Mas não entendemos que missão vise desesperadamente a conversão à própria confissão, mesmo quando isenta de coação, promessas ou ameaças. Suspeitamos que tal espécie de missão seja motivada por razões financeiras ou econômicas. Em outras palavras: proclamação do evangelho de Jesus Cristo acontece também em outras confissões que não a IECLB, por exemplo. Um crescimento de outras igrejas não deve ser motivo de inquietação, mas de alegria. As igrejas são chamadas a pensar seriamente numa “evangelização ecumênica”, onde o alvo principal não seja o crescimento de uma Igreja específica, mas a prática e a proclamação verdadeiras do evangelho.

4. Usamos, neste contexto, um conceito das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): a convivência. Este termo é muito discutido nos últimos tempos, em todo o mundo, para expressar uma convivência fraterna com outras realidades e expressões religiosas. “Convivência” só acontece vivendo, celebrando e lutando juntos num espírito fraternal que não condicione o “viver juntos” a uma uniformidade religiosa. Enfatizamos que a promoção deste espírito de convivência também é missão. Estamos convictos de que o convívio fraterno em prol da vida é mais importante do que uma concordância doutrinária. Chega de “guerras santas” e cruzadas! Crer num Deus da vida significa crer em Deus e na vida.

5. É impossível refletir sobre missão e evangelização hoje sem estar de luto por causa do passado. Como expressou uma participante do 8º Encontro Intereclesial das CEBs em Santa Maria: “O Brasil não é capaz de pagar a dívida externa. Menos ainda é capaz de pagar a dívida histórica com os povos indígenas!” Depois de 500 anos de “evangelização” na América Latina, missão não é mais o mesmo que antes. Ouvem-se vozes propondo seriamente o abandono destes conceitos pesados. Não concordamos, porque achamos que ainda não existem termos melhores. Mas é tempo de

as igrejas fazerem uma verdadeira confissão de culpa. Pedir perdão é pouco. Como pedir perdão por milhões de assassinados, violentados, extintos, e tudo isso em nome de Deus? Não sabemos se as vítimas e os filhos das vítimas conseguiriam perdoar. Antes de mais nada temos que escutar e esperar por uma palavra deles. E em todo caso: precisamos aprender com o passado! Não passar rápido demais por cima de tudo isso. Aprender do passado da “missão” e “evangelização” na América Latina, em prol de uma “nova evangelização”, ao nosso ver, significa principalmente duas coisas:

5.1. Lutar pela preservação de culturas ameaçadas. Isso tem graves consequências. Cultura e expressão religiosa são inseparáveis. Preservar a cultura de outros povos, portanto, significa respeitar também a religiosidade deles. Eis mais uma vez o princípio de convivência. Mais ainda: a teologia cristã é por demais européia, branca e masculina. Mencionamos somente o exemplo da ecologia. Enquanto muitos povos indígenas respeitam profundamente a criação, a nossa sociedade “cristã” assumiu demais o espírito capitalista, que só sabe destruir com fins lucrativos. Chegou a hora de entender a necessidade de que nós sejamos evangelizados por outros.

5.2. Inculturação. — Discute-se muito também este termo. Seu uso parte da convicção de que também existe revelação de Deus em outras culturas. Ou será que Deus se revela exclusivamente em termos da filosofia grega ou do sistema jurídico latino? A teologia cristã, desde o início, foi sincrética, quer dizer, assumiu sem problemas, p. ex., elementos da filosofia grega para expressar a experiência da revelação de Deus e para anunciar a Boa Nova de maneira inteligível para os ouvintes da época. Missão, ao nosso ver, tem que estar aberta para a surpresa de encontrar Deus também em outras expressões religiosas.

Tese 4: Igreja só é Igreja Verdadeira enquanto Igreja ecumênica.

- 4.1. A palavra grega para ecumenismo (“toda a terra habitada”) indica o sentido universal do ecumenismo.
- 4.2. Ecumenismo assume como prioridade a luta pela justiça, paz e integridade da criação.
- 4.3. Ecumenismo não busca unidade pela força, mas pela convicção.
- 4.4. A unidade que o ecumenismo procura realizar está aberta para outras religiões.
- 4.5. O espírito ecumênico busca a unidade na diversidade.
 - 4.5.1. Ecumenismo respeita a fé e a cultura de outras igrejas, confissões e religiões.
 - 4.5.2. Na *oikoumene* há lugar para diversas formas de adorar e louvar a Deus em vista do Reino prometido.

Destacamos como segundo sinal fundamental da Igreja Verdadeira a ecumenicidade:

1. Não concordamos com um entendimento de ecumenismo que se res-

trinja aos cristãos ou às igrejas cristãs somente. A palavra grega *oikoumene* é um termo profundamente político e abrange toda a terra habitada. Claro, neste sentido mais amplo do ecumenismo a unidade dos cristãos é indispensável. A desunião entre as confissões e igrejas é um escândalo que tem que ser superado. Mas, como já foi mencionado, as desuniões entre os seres humanos vão além dos muros meramente religiosos. Elas são transconfessionais. Como na missão, o aspecto universal também quer evitar um certo provincianismo ecumênico, sem desprezar, de forma alguma, a necessidade da atuação local. Em outras palavras: ecumenismo começa e se realiza com mais naturalidade na base, mas nunca deve perder de vista a visão global.

2. O Processo Conciliar em prol de justiça, paz e integridade da criação é um pacto ecumênico. Ele parte da convicção de que se trata dos três problemas fundamentais para a sobrevivência da humanidade. É o prolongamento conseqüente de uma corrente ecumênica que quis superar a desunião entre as igrejas através de uma prática comum. Mesmo destacando o Processo Conciliar como prioridade para o compromisso ecumênico, não queremos desprezar a teoria, os diálogos doutrinários, os encontros bilaterais ou multilaterais como outra grande corrente do trabalho ecumênico. Mas sentimos-nos decepcionados com a ausência quase total de resultados concretos desses numerosos diálogos doutrinários. Mesmo que um compromisso ecumênico na prática também já tenha mostrado a sua fragilidade, achamos que ele representa uma grande esperança: partindo das bases, este tipo de ecumenismo cresce e mostra a força dos fracos em prol da vida.

3. Não queremos um “proselitismo ecumênico”: uma unidade forçada por ameaças ou promessas. Com isto estamos criticando certas interpretações oriundas da posição oficial, p. ex., da Igreja Católica; unidade nunca deve ser uma “unidade de retorno” a uma certa Igreja ou tradição confessional! Concordamos com a atitude das CEBs e de muitos outros grupos de base que entendem ecumenismo como convite, como celebração da vitória da vida: “Por isso vem, entra na roda com a gente também! Você é muito importante! Vem!”

4. A aceção de ecumenismo acima descrita deve deixar bem claro que o compromisso ecumênico não estaca ante barreiras eclesiais. A ecumenicidade abrange outras religiões também. Porém nunca no sentido de cristianizá-las, e sim numa disposição fraterna de entender a identidade religiosa e cultural do outro. “Identidade” não é um sistema determinado e fechado que se pode preservar sozinho. Somente no diálogo aberto e na convivência sincera com outras identidades religiosas e culturais é que se encontra a própria identidade e, mais importante, nasce nova identidade ecumênica.

5. Ecumenismo é universal, mas não universalista. Ninguém quer uniformidade, nem no que se refere à cultura, nem quanto à fé. Unidade só pode ser unidade na diversidade. Destacamos com isso a importância per-

manente do modelo de unidade desenvolvido principalmente no seio da Federação Luterana Mundial (FLM): unidade na diversidade reconciliada. Muitas vezes, porém, interpreta-se a “diversidade” em sentido estritamente confessional, de preservação das diversas tradições eclesiais. Mesmo entendendo esta preocupação, achamos indispensável, mais uma vez, sublinhar dois aspectos importantes da diversidade, aliás, em concordância com muitos outros dentro da própria FLM:

5.1. As “diversidades reconciliadas” não se restringem somente às confissões cristãs tradicionais. Antes de mais nada, “reconciliação” tem a ver com outras expressões religiosas e culturais. Assim, “unidade na diversidade reconciliada” tem um sentido bem amplo: fraternidade mútua, respeito também para com o estranho, aprendizagem e amor.

5.2. No compromisso ecumênico de todas as pessoas de boa vontade, a despeito de toda a diversidade, será necessário realizar um anseio em comum: o reino de Deus. Mesmo que outras identidades religiosas usem outra forma de se exprimir, a visão é a mesma: um mundo sem injustiça, ódio, dores, sem guerras, donos e escravos. “Venha teu reino, Senhor, a festa da vida recria. A nossa espera e ardor transforma em plena alegria!”

Tese 5: Somente expondo a Sua Verdade à luz da Verdade das outras religiões é que Igreja pode ser Igreja Verdadeira.

- 5.1. Na relação com outras religiões procura-se conhecer o valor intrínseco do fenômeno religioso.
- 5.2. Na relação com outras religiões assume-se como prioridade a luta pela justiça, paz e integridade do meio ambiente.
- 5.3. No diálogo verdadeiro todos arriscam a própria identidade religiosa.
- 5.4. A fé do fiel independe da reivindicação de Verdade de outros.
 - 5.4.1. Não existe outra realidade religiosa senão a fé dos fiéis.
 - 5.4.2. Cristãos partem do pressuposto de que a salvação depende exclusivamente de Deus.

Uma Igreja fechada não é Igreja. A suposição é que toda fé é verdadeira na medida em que é articulada e vivida. Isto significa que a Igreja expõe sua Verdade — com letra maiúscula, para expressar seu caráter único e exclusivo — em meio a outras religiões que, por sua vez, afirmam ter recebido a revelação da Verdade.

1. Durante muito tempo, a Igreja cristã assumiu uma atitude negativa em relação a outras religiões e culturas, sejam asiáticas, africanas ou latinas. Estas viraram instrumentos para a apologética cristã e raramente se lhes conferiu qualquer valor soteriológico. A verdade somente se entende através das suas formas concretas, presentes nas diversas religiões. As nossas palavras, expressões e teologias não são os únicos caminhos significativos para confessar Deus. O contexto do pluralismo religioso convida os cris-

tãos a fazer uma introspecção: há algo que é o característico absoluto no cristianismo ou pode-se relativizar a expressão do querigma?

2. Harmonizando com a ótica missionária e ecumênica no âmbito cristão, opta-se pela realização de justiça, paz e integridade do meio ambiente. O objetivo do relacionamento com outras religiões é, antes de mais nada, a promoção da vida.

3. Diálogo é o encontro de pessoas comprometidas. O compromisso é: explorar, descobrir honestamente as respectivas convicções e fé, buscando aprofundar a compreensão e a autocompreensão, na companhia de outros, enriquecendo-se mutuamente. Dialogar significa dar liberdade de resposta, é uma aventura cujo destino é incerto. Os parceiros envolvidos deixam aberta a possibilidade de descobrir verdades complementares, na convicção de que a revelação de Deus pode não estar definitivamente encerrada. A teologia do pluralismo religioso pode ser entendida como uma caminhada progressiva sem direção rigorosamente definida.

4. Entende-se que comparar é uma forma de avaliar. Para viver, entender e articular sua fé, o fiel não deve se sentir atingido pelo exclusivismo reivindicado pelos outros. Aparecem algumas áreas de tensão: o exclusivismo e o absolutismo, também presentes no cristianismo, que por vezes levam a uma postura de auto-segurança, auto-suficiência e auto-referência.

4.1. É preciso termos a sensibilidade de reconhecer o pressuposto de um fiel que entende sua realidade religiosa como proposta única, da qual podemos tomar conhecimento, e ainda apenas parcialmente, através dele.

4.2. Precisamos explicar um ao outro as nossas respectivas posições franca e abertamente, deixando clara a nossa visão de salvação. Isto exige testemunho mútuo e a disposição para ouvir a crítica do outro.

Tese 6: Uma Igreja missionária e ecumênica é livre para relacionar-se com outras religiões e é livre para descobrir que ela está, como tantas outras, a caminho da Verdade.

Como cristãos somos livres para ir ao encontro do outro. Somente podemos crescer, tendo a coragem de nos mostrar vulneráveis. Esse encontro convida para trabalhar e celebrar juntos. Isso seria um sinal de respeito mútuo e não necessariamente um sinal de consenso total.

Livres para ir! A principal ameaça da Igreja consiste em “encostar-se na parede da tradição”. Assim, ela perderá muito. Enquanto aberta, só tem a ganhar.

Bibliografia

- CHARLESWORTH, M. J., ed. *The Problem of Religious Language*. New Jersey, 1974.
- CROSBY, Donald. *Interpretive Theories of Religion*. Haia, Mouton, 1981.
- SANTA ANA, Júlio H. de. *Ecumenismo e Libertação; Reflexões sobre a Relação entre a Unidade Cristã e o Reino de Deus*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- SUESS, Paulo, org. *Culturas e Evangelização*. São Paulo, Loyola, 1991.
- , org. *Inculturação e Libertação*. 2. ed. São Paulo, Paulinas, 1986.
- WIEBE, Donald. *Religion and Truth; towards an Alternative Paradigm for the Study of Religion*. New York, Mouton, 1981.
- VELKD/AKf. *Religionen, Religiosität und christlicher Glaube; eine Studie*. Gütersloh, Gerd Mohn, 1991.

Saskia Ossewaarde
e Gerhard Tiel
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS